

O COPROTAGONISMO DOS ANIMAIS NO ROMANCE *DE GADOS E HOMENS*, DE ANA PAULA MAIA

THE CO-PROTAGONISM OF ANIMALS IN THE NOVEL DE GADOS E HOMENS, BY ANA PAULA MAIA

Rayssa Duarte Marques Cabral¹
PPGEL-UNEMAT/SEDUC-MT

RESUMO: Este artigo tem como objeto de análise o romance *De gados e homens* (2013), da escritora brasileira contemporânea Ana Paula Maia. Por ser um trabalho fruto da disciplina “O romance contemporâneo”, a leitura e análise do *corpus* escolhido respaldar-se-á sobretudo em autores como: Bakhtin (1993) e Watt (2010), a

¹ Doutoranda em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). Mestra em Estudos de Linguagem (PPGEL/UFMT). Professora da rede de Educação básica de Mato Grosso. E-mail: rayssa.cabral@unemat.br

fim de delinear uma reflexão sobre o gênero romance; Agamben (2009), para refletir sobre o seu conceito de contemporâneo; Bauman (1998) para compreender a burocracia como efeito negativo da modernidade; e, para um recorte espacial, Schøllhammer (2009) e Resende e Finzazzi-Agro (2014), que traçam tendências do romance brasileiro contemporâneo. Além da discussão teórica, a obra escolhida, que poderia ser analisada pelas mais variadas perspectivas, tem como recorte temático o coprotagonismo dos animais, que saem da posição tradicional de meros objetos e tornam-se sujeitos, contribuindo diretamente para os acontecimentos que dão origem à narrativa. Espera-se que o resultado desta pesquisa contribua não só para a fortuna crítica a respeito da obra de Ana Paula Maia, mas também para reflexões sobre o romance brasileiro contemporâneo, a escrita de autoria feminina, a literatura e cultura “de margem” e o coprotagonismo animal na literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Romance contemporâneo; coprotagonismo animal; antropocentrismo narrativo e isonomia narrativa.

ABSTRACT: The object of analysis of this article is the novel *De gados e homens* (2013), by the contemporary Brazilian writer Ana Paula Maia. As long as it is a result from the discipline “The contemporary novel”, the reading and analysis of the chosen corpus will be supported mainly by authors such as: Bakhtin (1993) and Watt (2010), in order to outline a reflection on the romance as a genre; Agamben (2009) to reflect on his concept of contemporary; Bauman (1998) to understand bureaucracy as a negative effect of modernity; and focusing in a specific space, Schøllhammer (2009) and Resende and Finzazzi-Agro (2014), who outline trends in the contemporary Brazilian novel. In addition to the theoretical discussion, the chosen work, which could be analyzed from the most varied perspectives, has as its theme the co-protagonism of animals, which leave the traditional position of mere objects and become subjects, contributing directly to the events that inspires the narrative. It is hoped that the result of this research will contribute not only to the critical fortune regarding the work of Ana Paula Maia, but also to reflections on

the contemporary Brazilian novel, the writing of female authorship, the “margin” literature and culture and the animal co-protagonism in the literature.

KEYWORDS: Contemporary novel; animal co-protagonism; narrative anthropocentrism and narrative isonomy.

Introdução

Este artigo tem como objeto de análise o romance *De gados e homens*, publicado em 2013, de autoria da escritora e roteirista Ana Paula Maia, cujas obras têm conquistado espaço na literatura, na televisão e na academia. Com seu estilo particular, ela é um dos reconhecidos nomes da literatura contemporânea produzida no Brasil no século XXI. Atualmente, Maia conta com sete livros publicados: *O habitante das falhas subterrâneas* (2003), *A guerra dos bastardos* (2007), *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009), *Carvão animal* (2011), *De gados e homens* (2013), *Assim na terra como embaixo da terra* (2017), *Enterre seus mortos* (2018) e *De cada quinhentos uma alma* (2021).

Como os próprios títulos de suas obras sugerem, diferentemente do que se esperaria de uma obra literária de autoria estereotipada como “feminina”, a escrita de Ana Paula Maia é bastante objetiva, seca e breve. Seu estilo de escrever, com muitos diálogos e descrições dos espaços, assemelha-se bastante ao formato de um roteiro, não havendo muito espaço para os pensamentos dos personagens ou alguma reflexão mais profunda, o que, inclusive, combina com o cenário e o universo narrativos em que eles costumam estar inseridos.

Além disso, seus personagens são predominantemente homens, sendo considerada uma constante em suas obras o retrato da masculinidade, em ambientes grotescos, marginalizados e insalubres. Diante da própria escolha dos ambientes, há poucas aparições de personagens do sexo feminino em suas narrativas, como, inclusive, é o caso da obra que será abordada neste artigo, em que há apenas uma estudante, uma atendente da fábrica de

hambúrguer e mulheres em condições sub-humanas, mas que não têm papel significativo.

Em *De gados e homens* (2013), a narrativa se desenvolve em um lugar inusitado, um matadouro. O protagonista é Edgar Wilson, um homem que desempenha uma atividade bruta e, para muitos, condenável: atordoador de bovinos. Além dele, os demais personagens relevantes que trabalham no matadouro são todos homens: Seu Milo, Zeca, Erasmo Wagner, Burunga, Velho Emetérito, Helmuth, Santiago e Bronco Gil.

Outra tendência presente na obra é a presença de animais que desempenham papéis muito relevantes para o desenrolar da narrativa, conforme o próprio título sugere, gados e homens coabitam o espaço do matadouro, mas não só, também disputam importância no avançar dos capítulos.

Diante disso, é possível identificar uma inovação estética na escrita de Maia, pois na obra percebe-se que a autora foge de uma ideia antropocentrada, que coloca o ser humano como superior às demais espécies de seres vivos, fazendo, na verdade, um jogo narrativo no qual homens vivem como animais, ou até mesmo em disputa com eles pela sobrevivência, e animais vivem com os mesmos dilemas existenciais humanos.

É certo que, na literatura, já houve casos em que o protagonismo ou papel muito relevante foi desempenhado por animais, como é o caso do conto “The black cat” (O gato preto), de Edgar Allan Poe e dos romances *The call of the wild* (O chamado da selva) e *White Fang* (Caninos brancos), ambos de Jack London e *Jonathan Livingston Seagull — a story* (A história de Fernão Capelo Gaiivota), de Richard Bach. Apesar disso, o conciso romance de Ana Paula Maia tem amplo potencial para suscitar muitas discussões que ecoam nos mais variados temas, como o existencialismo, a religião, o direito dos animais, a desigualdade social, a indústria da carne, o subemprego etc.

Nesta oportunidade, após uma reflexão sobre a ideia de contemporâneo discutida por Giorgio Agamben (2009) e sobre o gênero romance, especialmente no contexto brasileiro e contemporâneo, o enfoque da análise se dará nas aproximações

possíveis entre os personagens humanos e os animais em *De gados e homens* (2013), bem como a relevância de ambos para o desenrolar do conflito e da narrativa em si, com a tese de que, na obra, houve a queda do antropocentrismo narrativo.

O contemporâneo

Antes de pensar a respeito do romance contemporâneo, faz-se necessário refletir sobre o significado desse adjetivo, que assume sentidos que vão além do aspecto meramente temporal/histórico. Nesse condão, a partir da concepção de Nietzsche, em uma anotação de seus cursos no Collège de France, Roland Barthes sintetiza o pensamento daquele da seguinte forma: “O contemporâneo é o intempestivo”, o que instigou Giorgio Agamben (2009) a desenvolver um conceito que deu origem ao seu famoso ensaio “O que é o contemporâneo?”, que norteará nossa reflexão.

O filósofo italiano foge da mera conceituação do dicionário e apresenta algumas novas possibilidades de compreender o termo. Para ele, o contemporâneo é, paradoxalmente, aquele que não está adequado às pretensões de seu próprio tempo e “exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo.” (Ibid, p. 58).

Nesse sentido, o contemporâneo, nos termos do autor, reside na não-coincidência, na discronia, refere-se à impossibilidade de se fugir do seu tempo. De acordo com o autor, quem coincide muito plenamente à sua época não é contemporâneo. Trata-se, portanto, de uma singular relação com o próprio tempo, baseada na dissociação e no anacronismo (AGAMBEN, 2009). Nesse sentido, é contemporâneo aquele que consegue evidenciar as inconsistências e as incoerências de seu tempo, ou seja, “aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.” (Ibid, p. 62); trata-se, portanto, do agente da mudança que é capaz de além de diagnosticar e denunciar o seu tempo, também transformá-lo, colocando-o em relação com os outros tempos.

Feitas essas considerações, pertinente questionar se *De gados e homens* (2013) pode ser considerado contemporâneo, nos

termos de Agamben (2009). Acredita-se que sim. Apesar de se tratar de uma narrativa bastante breve para um romance, com um enredo bruto e banal para um olhar desatento, sua leitura desencadeia a necessidade de que seu conteúdo indigesto seja ruminado, tal como a ação do gado, e processado, tal como os hambúrgueres.

Apesar de se tratar de uma obra contemporânea, é notório o compromisso com a tradição literária ao identificarmos, por exemplo, no nome do protagonista, referência ao autor Edgar Allan Poe e seu conto “William Wilson”, isso sem contar a nota final com uma citação de Fiódor Dostoiévski, o que estabelece um diálogo com o passado.

O estilo, com um discurso seco e direto, combina esteticamente com a ambientação da sua narrativa: um matadouro em meio a um deserto, espaço representado com bastante realismo. Em um episódio em particular, quando há a visita de estudantes ao matadouro, evidencia-se a incoerência e hipocrisia da sociedade, na ficção representada por uma estudante. A personagem ignora todo o processo da indústria da carne, julgando a fase inicial do processo – o abate do animal – como uma ação condenável; mas, ao mesmo tempo, aproveita-se do resultado final: a carne e outros produtos de origem animal, conforme demonstra o diálogo da estudante com Edgar Wilson:

- Como é matar boi o dia inteiro? O senhor não acha que isso é assassinato? O senhor não acha que sacrificar esses animais é crime?
 - [...] Edgar observa seus sapatos de couro em duas cores, preto e marrom. [...]
 - Acho.
 - [...]
 - Então o senhor se considera um assassino?
 - É.
 - [...]
 - O senhor não se envergonha disso?
 - [...]
 - A senhora já comeu um hambúrguer?
 - A mulher responde que sim com a cabeça.
 - E como a senhora acha que ele foi parar lá?
- (MAIA, 2013, p. 54-55)

No fragmento acima é notório o julgamento moral da estudante em relação ao ofício de Edgar Wilson; por mais que ela considere o ato de matar o gado reprovável e um verdadeiro crime, ela faz uso de calçados de couro e come hambúrguer, ignorando completamente o processo de fabricação da matéria-prima para seu sapato e sua carne. Edgar é o porta-voz de um outro julgamento que coloca em xeque a contradição não só da estudante, mas da sociedade como um todo.

Essa hipocrisia ou incoerência do julgamento, contudo, não é inédita. O sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman (1998), no discurso: “Manipulação social da moralidade: atores moralizantes, ação adiaforética”, proferido em 1990, traça alguns limites para se pensar a sociologia da moralidade. Bauman temia o perigo da dissociação da pesquisa científica e tecnológica da perspectiva moral; para ele, a responsabilidade humana pelo outro é a verdadeira essência da moralidade. Assim, a responsabilidade moral surge pela proximidade do outro. Diante disso, a distância social, resultante das conquistas tecnológicas e burocráticas, corrobora para uma separação social, com a criação de tarefas despersonalizadas, distantes, não dependentes de sentimentos pessoais, que criam um caminho burocrático e compartimentado para as ações, já que, quanto mais distante do ponto de definição, mais são observadas considerações puramente técnico-rationais e tanto menos levadas em conta inibições morais.

Sendo assim, para Bauman (1998), uma vez perdida a consciência da dimensão do contexto ético, as ações se tornam movimentos inconsequentes, verdadeiros meios sem fim; com a substituição da responsabilidade moral pela responsabilidade técnico-científica ou procedimental, distanciando-se cada vez mais a percepção da importância moral da ação, o resultado é a indiferença pela provação do outro, tornando, assim, a ação social adiaforética, mensurável por padrões puramente técnicos e não morais.

Na antiguidade, era necessário caçar para comer, mas hoje, com o desenvolvimento agropecuário, a industrialização, a burocratização e o desenvolvimento técnico-científico e tecnológico, o caçador deu lugar à figura do pecuarista e ao surgimento do consumidor, que, como consequência lógica, acabou por distanciar-

se da fase mais truculenta da produção da carne: o abate. Tal distância distorce e inviabiliza a noção do todo, sendo o fragmento e a alienação marcas de uma dissociação de um julgamento a respeito do processo de produção da carne. A partir do desprendimento entre o abate e o destino final do consumo, comer carne ou usar um produto de couro não é cruel; mas matar o animal, sim. O julgamento negativo se restringe à imediata morte provocada do animal no abatedouro; imperando o cinismo ou a negação das outras fases da produção e consumo como plenamente toleráveis.

No romance, em meio ao diálogo, o narrador onisciente elabora as crenças de Edgar Wilson em relação ao seu trabalho. Ele parece saber o seu papel e não o questionar, preocupa-se apenas com a sua função e em exercê-la conforme requisitado, sabe que alguém precisa exercer a ação repetitiva de atordoar o gado. Se não, vejamos:

Faz uma pausa. Edgar Wilson conhece o seu lugar e entende bem quais são as suas obrigações. Jamais foi questionado quanto às suas tarefas. Lida com homens de gado e mulheres miseráveis todo o tempo. Está habituado ao calor, à poeira, às moscas, ao sangue e à morte. É nisto que consiste um matadouro. Mata-se. Jamais tentou cruzar a cidade e ir do outro lado questionar a maneira como preparam os filés que ele jamais comerá. Ele não se importa com isso. Não se importa com quem comerá o boi que abate, importa-se em encomendar a alma de cada ruminante que cruza o seu caminho. Acredita que eles possuem uma e que ele dará conta de cada uma delas quando morrer. De cada quinhentos uma alma. (MAIA, 2013, p. 55, grifo nosso)

O protagonista é um personagem complexo, não se trata de um atordoador típico. Edgar Wilson compreende que a sua tarefa é uma habilidade técnica a ser realizada para a manutenção da cadeia produtiva dos homens, sendo ele um agente de meio, sem fim, já que sequer usufrui da carne do gado por ele abatido, concentra-se puramente em seu ofício repetitivo. A despeito de ter o seu papel “alienante” na indústria da carne muito claro, reconhece que se trata de uma realidade que se autopreserva:

[...] enquanto tiver uma vaca nesse mundo, lá estará um sujeito disposto a matá-la.

- E outro disposto a comê-la – conclui Edgar Wilson.

[...]

- Disposto a comê-la sempre terá um monte. Mas pra matar, não. Só gente assim feito eu e você, rapaz. Só gente assim. (MAIA, 2013, p. 99)

Apesar de ser “gente assim”, considerada sem escrúpulos, Edgar Wilson se sente “impuro e moralmente aceitável” (MAIA, 2013, p. 99), sabe que derramar sangue é a atividade que sabe fazer melhor, é seu meio de sobrevivência, mata para sobreviver e, se alguém tem que fazer o “trabalho sujo”, que seja ele, pois tem piedade dos animais. Na verdade, ele sabe que “[...] homens como ele são poucos, que são homens de matar. Os que comem são muitos e comem de modo que nunca se fartam. São todos homens de sangue, os que matam e os que comem. Ninguém está impune.” (MAIA, 2013, p. 99).

O romance brasileiro contemporâneo

Apesar de ser uma narrativa bastante breve, *De gados e homens* (2013) é um romance. Para defender essa tese, faz-se necessário explorar a origem deste gênero e suas principais características.

De acordo com Ian Watt (2010), o realismo formal é o principal aspecto que diferencia o romance do início do século XVIII das prosas de ficção anteriores. Nesse sentido, o autor reconhece que a ascensão do romance moderno não só coincide, mas é fruto da própria ascensão da burguesia. De acordo com Watt, o realismo formal presente no gênero não se refere à espécie de vida apresentada, e sim à maneira como ela se apresenta, partindo-se do princípio de Descartes e Locke de que o indivíduo, por meio dos sentidos, pode descobrir a verdade, o romance torna-se “[...] a forma literária que reflete mais plenamente essa reorientação individualista e inovadora.” (Ibid, p. 13), ou seja, que melhor caracteriza a modernidade, ratificando uma concepção de mundo

moderna, mais afim à industrialização, ao indivíduo em termos filosóficos e à burguesia.

Dentre os aspectos do romance moderno traçados por Watt, podemos destacar: a ausência de modelos, a originalidade e os tipos não gerais, com ênfase nas particularidades, ao contrário dos modelos clássicos. Diante disso, “[...] o romance se diferencia dos outros gêneros e de formas anteriores de ficção pelo grau de atenção que dispensa à individualização das personagens e à detalhada apresentação de seu ambiente.” (Ibid, p. 16).

Além dele, Mikhail Bakhtin (1993) também teorizou sobre o romance; defendendo tratar-se do único gênero por se constituir, ainda inacabado, uma vez que não é possível apontar nem um só traço característico do romance que seja invariável e fixo, sem que o anulasse por completo. Ademais, para ele: “O romance não é simplesmente mais um gênero ao lado dos outros. Trata-se do único gênero que ainda está evoluindo no meio de gêneros já há muito formados e parcialmente mortos.” (Ibid, p. 398). Dentre eles, Bakhtin desenvolve um paralelo entre a epopeia e o romance; aquela é um “[...] gênero acabado, até mesmo enrijecido e quase esclerosado. Sua perfeição, moderação e a total falta de ingenuidade artística falam sobre a sua velhice enquanto gênero, sobre o seu longo passado.” (Ibid, p. 406).

Outra tese defendida por Bakhtin é a de que a memória é a principal faculdade criadora e a força da literatura antiga, enquanto a “[...] experiência, o conhecimento, e a prática (o futuro) definem o romance. [...] Quando o romance se torna gênero proeminente, a teoria do conhecimento se converte na principal disciplina filosófica.” (Ibid, p. 407). Sendo assim, pode-se inferir que o espaço para o questionamento, para a problemática, surge com o romance, isso porque o

[...] passado absoluto está separado de todos os tempos posteriores, ele é absoluto e perfeito. Ele é fechado, como um círculo, e dentro dele tudo está integralmente pronto e concluído. No mundo épico não há nenhum lugar para o inacabado, para o que não está resolvido, nem para a problemática. (BAKHTIN, 1993, p. 408)

No mundo épico, com seu passado absoluto, inacessível à experiência individual, não são admitidos pontos de vista e apreciações pessoais; não é possível vê-lo, senti-lo, tocá-lo, nem ser considerado sob nenhum ponto de vista, não se pode experimentá-lo, analisá-lo, mostrá-lo, ou penetrar nas suas entranhas. Enquanto isso, o romance está ligado ao presente inacabado, nele

O romancista gravita em torno de tudo aquilo que não está ainda acabado. Ele pode aparecer no campo da representação em qualquer atitude, pode representar os momentos reais da sua vida ou fazer uma alusão, pode se intrometer na conversa dos personagens, pode polemizar abertamente com os seus inimigos literários, etc. (Ibid, p. 408)

Outro ponto abordado por Bakhtin é a nova relação que se estabelece entre a obra e seus leitores. Isso porque, se antes o público já conhecia as histórias que davam origem ao material épico, com o romance surge um interesse especial no porvir, e, conseqüentemente, no desfecho desconhecido da narrativa:

O interesse particular suscitado pelo “fim”: – e como terminará a guerra? Quem vencerá? Que será de Aquiles? etc – é totalmente excluído na atitude do material épico, tanto pelos seus motivos externos, quanto pelos internos (o aspecto de enredo na tradição já era conhecido de antemão). O interesse particular pelo “o que vem depois” (o que vai acontecer?) e o interesse pela “conclusão” (como terminará) são característicos unicamente para o romance e possíveis somente na zona de proximidade e de contato (impossíveis numa representação remota). (Ibid, p. 421)

Dentre as várias constantes da literatura contemporânea brasileira é possível ressaltar a pluralidade temática e de forma, bem como a potencialização da voz daqueles que não tinham qualquer representatividade. Isso porque pessoas marginalizadas e de grupos minoritários têm sido, cada vez mais comumente, protagonistas em

romances. Se tradicionalmente essas pessoas tiveram o direito de falar de si mesmas negado, estabelece-se na literatura um espaço democrático e problematizador, que não só questiona a tradição hegemônica também predominante no fazer literário; como ainda reivindica uma nova concepção estética e visibilidade política.

Evidentemente, há casos em que essa representatividade dos “invisíveis” se dá pelo olhar de um outro, como em *De gados e homens*. Nota-se, portanto, que o escritor exerce as funções de catalizador da realidade e “porta-voz” de determinados grupos que, se não fosse pela literatura, não teriam vez ou voz.

A respeito da literatura contemporânea nacional, Neves e Melo (2018) defendem que:

Essa literatura não é passível de emolduramento ou padronização, tendo em vista a multiplicidade e heterogeneidade dos textos produzidos, abarcando, sobretudo, temáticas sociais e existencialistas, problematizando a existência do próprio indivíduo tanto no âmbito das relações sociais quanto no âmbito da sua subjetividade, apontando, assim, para sua descentralização e fragmentação, refletidas por meio de escritos também fragmentados e descentralizados. (NEVES e MELO, 2018, p. 125)

Nesse mesmo sentido, para Karl Erik Schøllhammer (2009), parece existir, na Literatura do presente uma volta ao realismo, sendo identificável “seu impacto sobre determinada realidade social e sua relação de responsabilidade ou solidariedade com os problemas sociais e culturais de seu tempo” (Ibid, p. 13). Nas obras dos escritores contemporâneos não é raro perceber “[...] o desafio de reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria” (Ibid, p. 14).

Para Beatriz Resende e Ettore Finazzi-Agro (2014), na literatura contemporânea nacional é possível apontar três tendências. A primeira, refere-se à “[...] escrita de uma nova literatura democrática que aposta na instituição de um sistema

literário partilhado que reconhece novas subjetividades e novos atores no mundo da cultura, e na reconfiguração do próprio termo literatura.” (Ibid, p. 14). No romance, tem-se o protagonismo e a construção de subjetividades de membros de uma classe trabalhadora invisibilizada socialmente e que vive e trabalha em condições extremamente precárias e pautadas na exploração.

A segunda, refere-se ao “[...] deslocamento das narrativas do espaço local nacional. O rompimento com a tradição literária de afirmação da língua da nação, dos valores culturais nacionais em vez da literatura que fala do Brasil [...]” (Ibid, p. 14). Em *De gados e homens*, o espaço é descrito como um deserto, não havendo qualquer menção a nomes de locais ou cidades que remetam ao Brasil, trata-se de um «outro lugar», ainda que seja evidente que há uma relação direta com a precarização do trabalho e as problemáticas que envolvem a indústria da carne e seu consumo no país.

E a terceira tendência é que a literatura contemporânea rompe com a tradição realista:

[...] pela apropriação do real pelo ficcional de formas diversas, com a escrita literária rasurando a realidade que, no entanto, a incorpora. O documental e o ficcional podem conviver na mesma obra, como acontece em outras criações artísticas contemporâneas. (RESENDE; FINAZZI-AGRO, 2014, p. 14)

Em *De gados e homens*, nota-se um cuidado na representação crua e bárbara do matadouro, tanto na descrição das cenas e dos personagens, como na própria linguagem, o que contribuiu para um efeito de real. De acordo com os autores, o princípio da democracia na literatura não é mais uma questão meramente de condição social, mas uma verdadeira ruptura simbólica entre os corpos e as palavras, trazendo, portanto, novas maneiras de falar, de fazer e de ser. E ainda concluem que: “Reitera-se, ainda uma vez, a tendência forte de a arte contemporânea se constituir em uma proposta de relação intensa entre a política, a ética e a estética.” (Ibid, p. 23).

O romance dá voz aos trabalhadores de matadouros e, na tentativa de representação dessa realidade tão peculiar, não com

rigor informativo ou técnico, mas estético, democratiza o espaço literário e humaniza os personagens. Ainda que o romance se refira à história de um indivíduo, nos dizeres de Watt (2010), nota-se que desde o próprio título há uma subversão da ideia de individual e de coletivo, além do estabelecimento de uma isonomia, tanto de conteúdo quanto de forma, da importância dos personagens humanos e dos animais. Essas são inovações éticas e estéticas de Ana Paula Maia.

A queda do antropocentrismo narrativo

Em *De gados e homens* (2013), apesar de Edgar Wilson ser o protagonista, o narrador em terceira pessoa, que tem poderes oniscientes, aborda a questão animal de forma tão sutil, mas ao mesmo tempo profunda que a narrativa resulta num movimento de “humanizar” animais e “desumanizar” homens, efeito que só é atingido devido à queda do antropocentrismo narrativo.

O termo antropocentrismo, historicamente, surge com o Renascimento e a Idade Moderna, dando embasamento ao iluminismo e ao liberalismo, correntes de pensamento que influenciaram e fundaram o mundo ocidental político e científico pós-moderno. Em sua etimologia – do grego *anthropos* (humano) e *kentron* (centro) – significa “homem no centro”, é uma concepção filosófica que considera que a humanidade deve permanecer no centro do entendimento; isto é, o universo deve ser avaliado de acordo com a sua relação com o ser humano, subalternizando, portanto, os outros seres vivos, que existiriam tão somente para servi-lo.

O vocábulo também pode fazer alusão a perspectivas intelectuais que tomam como paradigma de juízo apenas as peculiaridades da espécie humana. Dentro da literatura, é possível dizer que o ser humano, mais especificamente “o homem comum”, passou a ser o sujeito de sua própria história, principalmente com a ascensão da burguesia, que coincidiu com a ascensão do gênero romance (WATT, 2010), que permitiu que a escrita sobre si e sobre o outro fosse elaborada e distribuída em livros ou folhetins.

Se a tradição literária do romance tem posicionado o protagonista como centro de um mundo ficcional, verdadeiro efeito mimético para uma ética que coloca os seres humanos acima dos outros animais, Ana Paula Maia problematiza esse modelo antropocentrista:

- Edgar, são apenas animais. Estão debaixo da nossa autoridade.
- Pra viver e pra morrer?
- Pra nos servir. (MAIA, 2013, p. 75)

No romance é colocada em xeque a potencial superioridade dos homens em relação aos ruminantes, a começar pelo título, que privilegia os gados aos homens, e também com a ambientação e a construção da narrativa, cujo grande acontecimento é o mistério que envolve as vacas que começam a abortar e a se “suicidar”, jogando-se do precipício.

Curiosamente, apesar de retratadas duas mortes de humanos – o Zeca que foi “abatido” por Edgar Wilson e o Burunga que foi eletrocutado por uma enguia – não houve grande comoção em relação a elas; a ênfase da narrativa é dada à morte do gado, não à morte provocada, sistematicamente organizada no matadouro, a habitual, mas sim à morte intencional, “suicida” e inexplicável das vacas.

O suicídio, como é sabido, refere-se ao ato de tirar a própria vida, prática que tem como sujeito ativo e passivo a mesma pessoa. O estranhamento em relação aos acontecimentos com o gado se instaura porque, para se tirar a própria vida, seria imprescindível, primeiramente, a consciência da existência e de sua finitude. Para Albert Camus, escritor franco-argelino: “há apenas uma questão filosófica realmente séria e esta é o suicídio”, opinião essa que parece corroborar para que seja um fenômeno humano, portanto.

Ao se partir dessa premissa, o efeito de empatia surge por meio da identificação com referida característica humana nas vacas suicidas que, conscientes de suas existências e do fim inevitável, escolhem um caminho em que não serão apenas objeto da morte, mas também sujeitos de seu próprio destino:

[...] Como a vaca foi endoidar assim? Elas ficam aí confinadas, comendo e bebendo... só esperando morrer – fala Vladimir.

- Mas isso elas não sabem – retruca Helmut.

- Como você tem certeza que elas não sabem? (MAIA, 2013, p. 64)

Mas não é só isso. Ao longo do romance, não são raros os paralelos que são estabelecidos entre os humanos e os outros animais, como em: “[...] o fazendeiro Milo, que conclui um telefonema aos berros, já que desde cedo aprendeu a berrar, quando solto no pasto, ainda bem menino, disputava com o bezerro a teta da vaca.” (MAIA, 2013, p. 6), em que a comparação é estabelecida entre o dono do matadouro quando era criança e um bezerro, colocando-os em uma posição de igualdade, em disputa pela teta da vaca. Em outro trecho: “A sequência de pequenas cruzes à beira da estrada é interminável. A morte tange todo o perímetro percorrido, tanto na estrada quanto no rio contaminado que corta a região” (MAIA, 2013, p. 10), seja no matadouro ou na estrada, a morte é o destino tanto dos ruminantes quanto dos homens.

Além dos ruminantes convencionais do matadouro do Seu Milo, outros animais aparecem ou são mencionados na narrativa, como as renas da Finlândia, as vacas libanesas e as vacas israelenses – que representam a intolerância religiosa entre judeus e muçulmanos espelhada no Reino Animal –, o abutre que comeu o olho esquerdo de Bronco Gil, a enguia de estimação de Santiago, peixes, cigarras, ovelhas, Feinho – o cachorro “privilegiado” que vigia o gado – e os demais cachorros, que lutam com mulheres e crianças pelos restos do gado morto e impróprio para o consumo.

São várias as ocasiões em que houve uma aproximação entre os homens e os animais não-humanos, o que resultou na isonomia narrativa entre os seres, tanto em termos de participação, de complexidade e de posição de sujeitos, como em: “Ambos os confinamentos, de gado e de homens, estão lado a lado, e o cheiro, por vezes, os assemelham. Somente as vozes de um lado e os mugidos do outros é que distinguem homens e ruminantes.” (MAIA, 2013, p. 14).

Edgar Wilson, não raras vezes, parece compreender mais os ruminantes do que os próprios seres humanos, como em:

Os bovinos, todos eles, quando pastam se orientam para o norte, pois são capazes de sentir o campo magnético terrestre. Poucos sabem o motivo disso, mas os que lidam com os bovinos diariamente sabem que eles mantêm um código de comportamento e que permanecem na mesma direção ao pastar. Esse equilíbrio não se vê nos homens, em nenhum deles. [...] Os ruminantes que pastam sossegados, que permanecem em grupo ou sozinhos, logo estará frente a frente com todos eles; ele, que é a própria besta assassina. (MAIA, 2013, p. 20)

Outra questão marcante é o protagonismo de vários animais da narrativa que se voltam contra os homens direta ou indiretamente, e que trazem danos irreparáveis. O primeiro caso que merece destaque é o abutre que comeu o olho de Bronco Gil:

Numa madrugada, voltando para casa, apoiado em duas mulheres, bêbados pela estrada, foram atropelados e deixados para morrer. [...] As mulheres não resistiram; ele foi socorrido a tempo. *Mas seu olho esquerdo não teve nenhuma chance. Um abutre o comeu à vista de seu olho direito.* No lugar do olho vazio, ganhou um feito de vidro; castanho, semelhante ao natural, e que vez ou outra descola-se da órbita ocular. (MAIA, 2013, p. 32, grifo nosso)

Outro episódio é o da enguia, trazida por Santiago: “Eu só queria criar a enguia, era de estimação, eu ia criar ela no lagunho abandonado.” (MAIA, 2013, p. 72). O peixe, assustado, fora de seu habitat natural eletrocuta e mata Burunga. Ao mesmo tempo em que a enguia é objeto “fim” de apreço de Santiago, que tinha a intenção de domesticá-la, é também penalizada, tendo sido partida ao meio após um tiro de Edgar Wilson, sendo tratada como objeto “meio”: “Os homens contam aos policiais o que ocorreu. Embrulham a enguia partida ao meio como prova da arma do incidente e enfiam Burunga na traseira do rabeção.” (MAIA, 2013, p. 72).

E por último e mais importante: a ação intencional das vacas suicidas. Tendo em vista o valor agregado e os bovinos serem a representação, não de sujeitos, mas de bens de consumo dentro

do sistema capitalista de exploração, a perda dessas vacas resulta em abalo financeiro para o Seu Milo e, como consequência, para os demais funcionários do matadouro, ao mesmo tempo em que a abundância da carne, que não será levada para o frigorífico e depois para a fábrica de hambúrgueres será consumida pelos seres humanos em situação de miserabilidade.

Portanto, torna-se possível defender que os animais dentro do romance exercem grande impacto na vida de outros personagens humanos, pois aqueles são responsáveis por um tipo de revolução que acaba distribuindo melhor a carne, por motivos um pouco mais nobres, não visando o lucro, mas a sobrevivência das pessoas em condições ainda mais precárias que os próprios trabalhadores do matadouro. Para elas, o prejuízo do matadouro converteu-se em um milagre: a saciedade, ainda que circunstancial; isso porque não houve alteração estrutural que sanasse o problema da fome nem o estabelecimento de práticas de justiça social capazes de tirar essas pessoas da situação subumana e de mendicância.

Considerações finais

De gados e homens (2013), de Ana Paula Maia, é um romance que exemplifica o que tem se produzido na literatura contemporânea brasileira do século XXI, pois é uma amostra dentre as múltiplas possibilidades da escrita do tempo presente. Na obra, escancara-se as mazelas sociais que envolvem a indústria da carne, seus agentes e suas vítimas; assim como a hipocrisia daqueles que se beneficiam com seus produtos de origem animal, mas que condenam os abatedores.

Ao mesmo tempo em que não se trata de uma obra panfletária que faz apologia ao vegetarianismo ou veganismo, o enfoque na descrição da brutalidade do abatedouro, bem como nos acontecimentos que seguem, acaba produzindo um efeito de humanização do gado. A estética realista e crua dá voz aos marginalizados e denuncia as incoerências; como a má distribuição de renda, e, conseqüentemente, da comida; com pessoas que estão próximas da carne, mas que não a consomem e outras que a

consomem quando ela já está em condições impróprias. Esse tom presente na narrativa confere ao romance o título de contemporâneo, nos termos de Agamben (2009), pois acentua o anacronismo, um olhar diferenciado sobre o tempo, desprendendo-se do presente para trazer um novo olhar, problematizador, desprendido e que causa certo estranhamento.

Ademais, conforme o próprio título sugere, entrelaçam-se gados e homens – homens animais e animais humanos – que em muito se assemelham. Dentro dos limites do realismo, os ruminantes, bem como outros animais, podem ser percebidos, ao lado dos trabalhadores do matadouro, como verdadeiros personagens, cuja relevância e participação na história os elevam à posição de coprotagonistas.

Outrossim, se o antropocentrismo narrativo, baseado no homem como centro do universo ficcional, fez-se presente na tradição literária do romance, em *De gados e homens* (2013) ele dá lugar à isonomia narrativa, na qual todos os seres são capazes de impactar no enredo e, como consequência, no desfecho da história. Trata-se de característica inovadora dentro de um romance, mas possível, uma vez que, como defende Bakhtin (1993), é um gênero ainda inacabado, portanto, sempre passível de inovação, seja ela no conteúdo ou na forma.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó-SC: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance (Sobre a metodologia do estudo do romance). In: _____. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 3. ed. São Paulo: UNESP, 1993. p. 397-428

MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

NEVES, Ana Lúcia Maria de Souza; MELO, Bruno Santos. A representação da velhice em Quarenta Dias, de Maria Valéria Rezende. **Revista Letras Raras**, v. 7, p. 122-147, 2018.

RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRO, Ettore. **Possibilidades da nova escrita literária no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.